

Passagens



Passagens. Revista Internacional de
História Política e Cultura Jurídica

E-ISSN: 1984-2503

historiadodireito@historia.uf.br

Universidade Federal Fluminense
Brasil

Coelho, Claudio Marcio

Jansenismo, maçonaria e reação católica: Alfredo Freyre e a disputa pela educação em
Pernambuco (1910-1920)

Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, vol. 9, núm. 1,
enero-abril, 2017, pp. 58-75

Universidade Federal Fluminense
Niterói, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337349577005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Jansenismo, maçonaria e reação católica: Alfredo Freyre e a disputa pela educação em Pernambuco (1910-1920)

DOI: 10.15175/1984-2503-20179104

Claudio Marcio Coelho¹

Resumo

Este artigo discute o embate político-religioso entre Alfredo Freyre, pai do historiador-sociólogo Gilberto Freyre, e o movimento de Reação Católica em Pernambuco, nas décadas de 1910 e 1920. O professor Alfredo, católico jansenista e maçom, se opôs ao projeto político de implementação do ensino religioso nas escolas, defendido pelos jesuítas, principais artífices do movimento de Reação Católica no Brasil e no Recife. Discutimos alianças entre jansenistas, protestantes e maçons contra a hegemonia política da Igreja Romana no Brasil, considerando a hipótese de que a atuação de Alfredo Freyre representou a luta interna no campo católico entre movimentos e grupos antagônicos, sobretudo, entre jansenistas e jesuítas, tendo a educação como peça chave desta relação de forças. Assim, abordamos a interface política e religião, para demonstrar como a cultura religiosa incide na cultura política, engendrando efeitos decisivos no acontecer social. Este trabalho situa-se no campo da História das Ideias Políticas, considerando a confluência entre o subjetivo, o religioso e o político na produção intelectual e no acontecer social.

Palavras-chave: jansenismo; reação católica; maçonaria; educação; Alfredo Freyre.

Jansenismo, masonería y reacción católica: Alfredo Freyre y la disputa por la educación en Pernambuco (1910-1920)

Resumen

Este artículo discute la oposición política y religiosa entre Alfredo Freyre, padre del historiador y sociólogo Gilberto Freyre, y el movimiento de Reacción Católica en Pernambuco, en las décadas de 1910 y 1920. El profesor Alfredo, católico jansenista y masón, se opuso al proyecto político de implementación de la enseñanza religiosa en las escuelas, defendido por los jesuitas, principales artífices del movimiento de Reacción Católica en Brasil y en Recife. Discutimos alianzas entre jansenistas, protestantes y masones contra la hegemonía política de la Iglesia Romana en Brasil, considerando la hipótesis de que la actuación de Alfredo Freyre representó la lucha interna en el campo católico entre movimientos y grupos antagónicos, sobre todo entre jansenistas y jesuitas, teniendo la educación como pieza clave de esta relación de fuerzas. Así, abordamos la interfaz política-religión para demostrar cómo la cultura religiosa incide en la cultura política, engendrando efectos decisivos en el acontecer social. Este trabajo se sitúa en el campo de la Historia de las Ideas Políticas, considerando la confluencia entre lo subjetivo, lo religioso y lo político en la producción intelectual y en el acontecer social.

Palabras clave: jansenismo; reacción católica; masonería; educación; Alfredo Freyre.

Jansenism, Freemasonry and the Catholic Reaction movement: Alfredo Freyre and the dispute over education in Pernambuco (1910-1920)

Abstract

¹ Doutor em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias (NEI) da UFES. Desenvolve atividades de estudo, pesquisa e extensão no NEI, onde coordena o Grupo de Estudo em Teorias da Complexidade. Desenvolve estudos e docência nas seguintes áreas: indiciarismo, complexidade, história das ideias, história subjetivada, religião e política, religião e psicanálise. E-mail: claudiomarciocoelho@gmail.com

This article discusses the political-religious clash between Alfredo Freyre – father of the historian-sociologist Gilberto Freyre – and the so-called “Catholic Reaction” movement in the Brazilian state of Pernambuco from 1910 to 1930. Professor Alfredo Freyre was a Jansenist Catholic and Freemason, opposing the political project to implement religious education in schools defended by the Jesuits, who were the main architects of the Catholic Reaction movement in Brazil and in Recife. We discuss alliances between Jansenists, Protestants and Freemasons that went up against the political hegemony of the Roman Catholic Church in Brazil, considering the theory that Alfredo Freyre’s actions represented the internal struggle in the Catholic camp among antagonistic movements and groups, particularly between Jansenists and Jesuits, with education playing a key role in the balance of power. We therefore approach the political and religious interface in order to demonstrate how religious culture affects political culture, with decisive ramifications on the social sphere. The work is located within the field of the History of Political Ideas, due to its consideration of the relationships between the subjective, the religious, and the political in intellectual output and in the social sphere.

Keywords: Jansenism; Catholic Reaction movement; Freemasonry; education; Alfredo Freyre.

Jansénisme, franc-maçonnerie et réaction catholique : Alfredo Freyre et le conflit autour de l’éducation au Pernambouc (1910-1920)

Résumé

Cet article traite du conflit politico-religieux entre Alfredo Freyre, père de l'historien et sociologue Gilberto Freyre, et le mouvement de réaction catholique au Pernambouc, dans les années 1910 et 1920. Alfredo, un professeur catholique, janséniste et franc-maçon, s’est opposé au projet de mise en place d’un enseignement religieux dans les écoles défendu par les jésuites, qui étaient les principaux artisans du mouvement de réaction catholique du Brésil et de Recife. Nous aborderons les alliances nouées entre jansénistes, protestants et francs-maçons pour s’opposer à l’hégémonie politique de l’Église romaine au Brésil. Nous partirons de l’hypothèse selon laquelle l’action d’Alfredo Freyre peut constituer une synthèse des luttes internes entre mouvements et groupes antagoniques du champ catholique, et plus spécifiquement entre jansénistes et jésuites, dans un rapport de force où l’éducation a joué un rôle-clé. Nous étudierons l’interface politique/religion pour montrer de quelle manière la culture religieuse a influencé la culture politique, provoquant ainsi des effets décisifs sur le fait social. Ce travail se situe dans le champ de l’histoire des idées politiques pour s’intéresser à la confluence entre le subjectif, le religieux et le politique dans la production intellectuelle et le fait social.

Mots-clés : jansénisme ; réaction catholique ; franc-maçonnerie ; éducation ; Alfredo Freyre.

杨森主义,共济会和天主教会的反击: 阿尔弗雷多·弗莱列与平南布哥州教育改革 (1910-1920)

摘要：本文讨论 1910-1920 年期间，巴西平南布哥州因教育改革而引起的政治和宗教博弈，这种博弈的一方是阿尔弗雷多·弗莱列(Alfredo Freyre)，另一方是天主教会发起的反制。阿尔弗雷多·弗莱列是巴西著名历史学和社会学家吉尔贝托·弗莱列 (Gilberto Freyre) 的父亲，是个法学院教授，天主教杨森派教徒，共济会成员，他反对在平南布哥州和整个巴西的学校里推行宗教课程——这是由巴西耶稣会发起的天主教反制世俗化运动中提出的一个纲领。作者讨论了巴西各种社会力量——杨森派信徒，基督教新教徒，共济会为了反对罗马天主教在政治领域的霸权而采取的联盟。作者认为阿尔弗雷多·弗莱列的活动代表了天主教会里面各个意见相左的派系之间的斗争，特别是杨森派和耶稣会派的斗争。而教育领域就是这种斗争的战场。本文在政治和宗教的交集里，展示宗教文化对巴西政治文化的重大影响，这种影响力直接体现在重大社会事件中。本文从政治思想史的视角，探讨社会思潮的产生和社会事件的发生过程中，社会主体，宗教和政治三者的相互的综合影响。

关键词：杨森主义，天主教反制，共济会，教育，阿尔弗雷多·弗莱列。

Introdução

O jansenismo constitui um movimento teológico católico com repercussões históricas e políticas internas e externas ao catolicismo romano, por isso, para analisá-lo teremos que retroceder ao início do século XVII. Neste contexto, o bispo de Yprès e doutor em teologia pela Universidade de Lovaina, Cornelius Otto Jansen (1585-1638) preocupava-se com o debate de questões teológicas que o Concílio de Trento deixara em aberto, sobretudo,

sobre a relação entre a graça divina e a liberdade humana. Sua oposição ao racionalismo dos teólogos escolásticos o fez aliar-se a Jean Duvergier de Hauranne, futuro abade de Saint-Cyran, que advogava o retorno do catolicismo à moral e à disciplina religiosa praticada nos primórdios do cristianismo, na Igreja primitiva. O principal foco deste debate seria a discussão acerca do problema da graça a partir das obras de Santo Agostinho, assim como, a busca de elementos que concilhassem as teses da Reforma Protestante com a doutrina católica. Cornelius Jansen identificava-se com as ideias de Miguel Baio, professor da Universidade de Lovaina, que desconfiava da filosofia escolástica e defendia o retorno à antiguidade, às Sagradas Escrituras, aos Santos Padres e à autoridade de Santo Agostinho no debate sobre a queda do homem, sua corrupção e sua natureza decaída. Ademais, aproximou-se da concepção pessimista da teologia protestante acerca da salvação. Também assumiu uma postura radical e contrária aos teólogos jesuítas Leonardo Léssio e Luís de Molina, que valorizavam o livre-arbítrio em cooperação com a graça divina para a salvação do homem. Segundo Cândido Santos,² para Jansen, este posicionamento constituía “um desvio da verdadeira e pura doutrina da Igreja [...] e uma traição à memória de Santo Agostinho”. Os jesuítas adotaram a orientação de Léssio e Molina, o que provocou a reprovação desta ordem e de seus projetos pelos jansenistas.

Entre os escritos de Cornelius Jansen, a obra *Augustinus* (1640), publicada dois anos após sua morte, alcançou grande repercussão nesta conjuntura: uma obra polêmica, na qual o bispo de Yprès assumira posições dogmáticas intransigentes, tais como: condenara a razão filosófica por considerá-la a “mãe de todas as heresias”;³ defendera a doutrina da predestinação (os homens foram predestinados ao céu ou ao inferno a revelia de suas vontades e ações); Cristo morreria apenas por aqueles que foram predestinados à salvação; assumira uma postura de ruptura com outros grupos dentro do catolicismo, principalmente, com o jesuitismo. Neste sentido, Santos⁴ classificou a postura jansenista como “uma interpretação fundamentalista da doutrina agostiniana”, que “induziu um rigorismo na doutrina e na moral” católicas, sobretudo, nos séculos XVII e XVIII. A obra enfrentou muitas resistências dos jesuítas de Lovaina, que se opuseram as posições de Jansen acerca da graça e da salvação. Em 1642, o livro foi proibido pela bula *In eminenti Ecclesiae*, de Urbano VIII, por defender proposições condenadas pelos pontífices anteriores. Em 1653, a obra foi

² SANTOS, Cândido. *O Jansenismo em Portugal*. Porto: Edição Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007. p. 6.

³ PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. x. Coleção Os Pensadores.

⁴ SANTOS, op. cit., p. 8.

novamente condenada pela bula *Cum occasione*, que atribuiu ao seu autor cinco erros doutrinários em desacordo para com a doutrina da Igreja Romana.

Sabemos que forças antagônicas e dinâmicas no interior do próprio catolicismo, que agiram e reagiram na Europa, assumiram características particulares em diferentes regiões. Desta feita, o jansenismo que se alastrou no Brasil foi reflexo do modelo português, pois o Estado Português, “leal ao pontífice romano, porém não subjugado por este, transportou toda a riqueza de gestos, liturgias e doutrinas do catolicismo para o Brasil”,⁵ assim como, sua condição política e religiosa de nação católica, a catequese e a evangelização, a organização do clero, a formação moral das instituições, os registros civis pela Igreja, o padroado e o regalismo, entre outros. O clero que aqui se instalou recebeu maior interferência dos jesuítas, no entanto, nunca formou uma unidade religiosa homogênea, ao contrário, como na Europa, viu-se atravessado por disputas entre ordens e congregações. Disputas religiosas com efeitos políticos, que foram sobredeterminados por interesses da Igreja no Brasil, do Reino e de Roma. O padroado estabeleceu relações de dependência entre o Estado e o papado, que se configuraram como reciprocidade e interferências entre Igreja e governo, apadrinhamento e favorecimento. Este pacto tornou-se uma matriz político-religiosa determinante da consolidação de uma ideologia do favor, de longa duração, na formação do Brasil.

Neste cenário, outros grupos católicos também se destacaram no embate de forças com os jesuítas. Os oratorianos, por exemplo, formavam uma congregação que exerceu influência decisiva sobre organizações e instituições que sustentaram o catolicismo luso-brasileiro. Suas raízes remontam 1564, quando São Felipe de Nery, fundou em Roma, um grupo de sacerdotes seculares. Foram elevados à congregação em 1575, porém não assumiram votos de pobreza e obediência. Dedicavam-se à educação cristã e às obras de caridade. Um de seus principais líderes, o cardeal Pierre de Bérulle, mantinha fortes relações com o abade de Saint-Cyran. Ao final do século XVII, Bartolomeu de Quental introduziu a Congregação do Oratório em Portugal. No século XVIII, a congregação atraiu os interesses do Marquês de Pombal, que repudiava a influência dos jesuítas no Estado Português e planejava a expulsão da Companhia de Jesus do reino e de suas colônias. Para Pombal, entusiasta das ciências e das letras, atributos como índole, origem e formação erudita secular, qualificavam, por excelência, os oratorianos como competidores

⁵ SILVA, Wilson Santana. Correntes ideológicas do século XIX e a religião. *Revista Fides Reformata*, v. XVIII, n. 2, p. 78, 2013. Disponível em: <http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/edicao_34/artigos/246.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2016.

capazes de substituírem os Inacianos no campo intelectual e pedagógico, e contribuir para a modernização de Portugal. Os oratorianos eram sacerdotes ilustrados, que adotavam estatuto e inspiração do país onde viviam, favorecendo sua imagem junto ao Marquês. No entanto, a escolha de Pombal pela congregação resultou, sobretudo, de suas divergências com os jesuítas e de suas estratégias políticas em aliança com o catolicismo lusitano e a consolidação de um iluminismo nacionalista e cristão. Os oratorianos professavam ideias jansênicas e tornaram-se sua derivação inglesa de maior expressão.

As ideias oratorianas chegaram ao Brasil, em Pernambuco, em 1685, pelo padre João Duarte Sacramento, então bispo de Olinda. No entanto, o florescimento de ideais iluministas e o fortalecimento do espírito científico moderno foi obra do ilustrado luso-brasileiro D. José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho, bispo de Olinda, fundador do Seminário Nossa Senhora da Graça, de onde saíram revolucionários liberais que participaram da Revolução Pernambucana de 1817 e 1824: padres que estavam presentes na Câmara dos Deputados, eram ministros ou membros da oposição. Todavia, pensando pela perspectiva teológica, um contingente mais numeroso de jansenistas formava os seminários de Minas Gerais, pois o vácuo deixado pela expulsão dos jesuítas possibilitou o avanço das ideias jansenistas na criação de seminários católicos em Minas Gerais, que ficou conhecida como a Port-Royal Brasileira.

Com a reforma eclesial realizada pelos bispos ultramontanos no Segundo Império, os jansenistas seriam duramente perseguidos. Antijansenistas como Dom João da Purificação Marques Perdigão, nomeado bispo de Olinda em 1833, declaravam explicitamente sua condenação das correntes heterodoxas de matriz jansênico-galicana. Neste contexto, a literatura ultramontana se fortaleceria cada vez mais no Brasil, promovendo a defesa apaixonada da ortodoxia e a submissão ao Bispo de Roma. Obras como *Memória histórica e biográfica do clero pernambucano*, de Lino do Monte Carmelo Luna, publicada em 1857, condenavam o Padre Antônio Feijó e os Padres do Patrocínio, considerando suas crenças como “revoltantes”, “assustadoras”, “anticatólicas”.⁶ Todavia, isto não representou o abandono por completo do ideário jansenista, pois suas crenças sobreviveram e retornaram nas ideias e práticas do catolicismo ilustrado e de intelectuais e políticos eminentes como Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e Gilberto Freyre, entre outros,

⁶ VIEIRA, Dilermando Ramos. Jansenismo no Brasil. In: FERNÁNDEZ, Fidel González (Coord.). *Diccionario de Historia Cultural de la Iglesia en América Latina*. § 6, 2015. Disponível em: <http://www.encyclopedicohistcultiglesiaal.org/diccionario/index.php/JANSENISMO_NO_BRASIL>. Acesso em: 21 jan. 2016.

conforme argumentam Gizlene Neder⁷ e Flávia Beatriz Nazareth.⁸ Assim, nossa contribuição para este debate consiste em inserir o professor Alfredo Freyre, pai e interlocutor de Gilberto Freyre, nesta discussão. Para chegarmos ao cerne da questão, precisamos investigar os efeitos políticos destes embates religiosos no cenário brasileiro, pois tal contexto constitui o chão no qual Alfredo Freyre construiu relações afetivas e intelectuais atravessadas pela experiência político-religiosa católica.

Nesta conjuntura, o pensamento católico canônico passaria a exercer influência decisiva na vida social e política, engendrando aproximações e alianças com governos e instituições políticas. Este período, conhecido como a terceira escolástica, alcançou sua maior expressão em Portugal por volta de 1890 e no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, com o movimento que se convencionou chamar de Reação Católica e Ação Católica Brasileira. A terceira escolástica investiu teologicamente no pensamento de Santo Tomás de Aquino (no tomismo) e atuou na proposição de diretrizes ultraconservadoras para a vida social a partir de ações religiosas, cujos efeitos políticos foram propositadamente planejados. Considerando a inserção de Portugal e do Brasil nesta temática, Gizlene Neder argumenta que:

Portugal, como o resto da Península Ibérica (e indiretamente as Américas portuguesa e espanhola), foi considerado, na virada para o século XX, “terra de missão”, em função do despertar protestante. Consideramos que no plano das ideologias os conflitos subjacentes se entrecruzam com os de natureza econômica, política e social, influenciando poderosamente ao nível do imaginário (emoções, sentimentos e afetos).⁹

Assim, investigaremos como “em função de sua inserção política”, o catolicismo transferiu “suas balizas dogmáticas do âmbito estritamente religioso para o conjunto da sociedade civil e da vida cotidiana” no Brasil, conforme destaca Ivan A. Manoel.¹⁰ Outrossim, a partir dos estudos de Giacomo Marramao vimos que desde os primórdios de sua história, no século IV, a Igreja Romana sempre se reconheceu como instituição “co-responsável pelo exercício do poder”,¹¹ o que estabeleceu especialmente para a Igreja, uma indissociabilidade entre o religioso e o político. Logo, a legitimação e a propagação da doutrina católica está correlacionada à atuação da Igreja no âmbito político. Neste cenário,

⁷ NEDER, Gizlene. *Duas margens: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade*. Colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro: Revan; FAPERJ, 2011.

⁸ NAZARETH, Flávia Beatriz F. de. *A passagem para a modernidade no Brasil: o projeto de secularização em Rui Barbosa*. 2015. Tese (Doutorado)—Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

⁹ NEDER, op. cit., p. 16.

¹⁰ MANOEL, Ivan A. *Origens do tradicionalismo católico: um ensaio de interpretação*. *Dialogus*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 14, 2010.

¹¹ MARRAMAIO, Giacomo. *Poder e secularização: as categorias do tempo*. São Paulo: UNESP, 1995. p. 19.

identificamos revivificações entre formas de atuação política e práticas religiosas do catolicismo no Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX. Foram estabelecidas alianças entre a Igreja Católica e o Estado Brasileiro para a legitimação de uma política de apoio e de benefícios mútuos. Ao Estado interessava o restabelecimento da ordem social e a contenção dos movimentos revolucionários na passagem à modernidade, pois para “se apresentar como autoridade legítima, o Estado precisa dos instrumentos (das armas) da religião”,¹² conforme argumenta Carlos Ginzburg ao discutir teologia política em Hobbes. À Igreja interessava retomar seu status de religião histórica e nacional, bem como sua influência junto ao Governo na égide republicana e capitalista. Assim, no sentido deste pacto, a Santa Sé orientou ações estratégicas da Igreja no Brasil, tencionando o fortalecimento do catolicismo na América Latina. Para a realização deste propósito Dom Leme receberia orientações político-religiosas diretamente do papado de Pio XI. A Santa Sé enviou inquisidores para orientar e vigiar a Reação Católica e a Ação Católica Brasileira, posto que o Brasil sempre esteve sob a vigilância da Igreja e com a República não seria diferente.

O projeto político-religioso de Dom Leme – arquiteto da Reação Católica – realizou-se estrategicamente através de ações planejadas e simultâneas, cujo propósito visava estabelecer “uma ponte entre o poder do Estado e a presença da Igreja na Sociedade”.¹³ Para alcançar este objetivo foram implementadas práticas pastorais como a criação de novas confederações católicas, dioceses, paróquias e colégios católicos; catequese e educação voltadas aos adolescentes; introdução do ensino religioso nas escolas; criação de revistas e jornais católicos; realização de grandes eventos e celebrações do culto ao Sagrado Coração de Jesus; reaproximação da Igreja com instituições marcadamente moralizadoras e conservadoras como o exército; introdução de símbolos católicos em instituições sociais (a presença da Cruz e do Sagrado Coração de Jesus em quartéis, cartórios, delegacias, escolas); cooptação de lideranças políticas que ainda não estavam comprometidas com os interesses da Igreja; e formação de um núcleo de intelectuais eclesiásticos e do laicato para a organização de uma elite do pensamento católico.

¹² GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política*. São Paulo: Cia das Letras, 2014. p. 29-30.

¹³ BALDIN, Marco Antonio. Dom Leme e a recristianização do Brasil: ensaio de interpretação. *Revista Brasileira de História das Religiões - Anais do 2º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades* - ANPUH, Maringá, v. 1, n. 3, p. 5, 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/dom_leme_e_a_recristianizacao_do_brasil.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2016.

Os três principais líderes do movimento (Dom Leme, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima) compreenderam de forma pioneira a importância dos intelectuais na vanguarda do catolicismo no século XX. Contribuíram para a formação de uma nova cristandade católica no Brasil. Formaram um exército católico: soldados da Igreja, emissários do Papa, intelectuais orgânicos da direita católica conservadora em luta pela recuperação do status político da Igreja na República recente: status que consideravam de direito da Igreja. Ao arregimentar intelectuais e lideranças políticas, os líderes católicos privilegiaram a escolha de representantes da pequena burguesia e/ou da antiga aristocracia católicas. Esta estratégia dificultou a “emergência de intelectuais orgânicos de outras classes sociais”¹⁴ no movimento, promovendo sua elitização. Amoroso Lima atuou como censor da intelectualidade católica, elegendo e vetando pensadores que formariam a Intelligentsia Católica Brasileira. Foi, neste sentido, um “intolerante”, principalmente, no “setor educacional e pedagógico, com os defensores da Escola Nova”, como ele mesmo reconheceu em tempos vindouros.¹⁵

No campo religioso-intelectual destacaram-se as publicações de cartas pastorais, de artigos e de livros da Igreja; a realização de palestras e conferências eclesiais e leigas. O combate aos inimigos da Igreja (jansenismo, maçonaria, protestantismo, comunismo, judaísmo, etc.) engendrou o fortalecimento da hierarquia eclesial. Desta feita, o patriotismo católico fomentou no povo brasileiro o desprezo pelos ideais socialistas e comunistas: os inimigos da Pátria! A colaboração da Igreja com os poderes constituídos e seu amalgamento com as esferas política e militar fortaleceu o sentimento conservador de ordem social e de obediência à autoridade instituída. O Estado – autoridade terrena/cidade dos homens – e a Igreja – autoridade divina/cidade de Deus – foram aclamados como instituições imprescindíveis um ao outro e à sociedade brasileira.

Isto posto, ainda podemos sobrelevar que o projeto político idealizado pelo cardeal Leme preconizava o sentimento religioso católico como condição imperiosa à formação da consciência e da identidade nacional. No sentido deste patriotismo católico, o episcopado brasileiro defendia o binômio Igreja-pátria e reforçava sua mimese Cruz-bandeira. Outrossim, segundo Tânia Salem, o *Centro Dom Vital* e a revista *A Ordem* atuaram

¹⁴ IRSCHLINGER, Fausto Alencar. O “Renascimento” da Igreja Católica do Brasil: Ideários de uma Geração (1920-1940). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - 1964-2014: 50 ANOS DO GOLPE MILITAR NO BRASIL, 14., 2014, Campo Mourão, PR. *Anais...* Campo Mourão, PR: ANPUH, 2014. p. 1151. Disponível em: <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/253.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

¹⁵ MEDEIROS, Jarbas. Alceu Amoroso Lima. In: _____. *Ideologia autoritária no Brasil, 1930-1945*. Rio de Janeiro: FGV, 1978. p. 227.

estrategicamente no projeto político da Igreja: um projeto de “salvação nacional”.¹⁶ Podemos afirmar que o centro se concentrou na produção e na implementação de ações práticas no campo político e que a revista atuou na publicação intelectual-teológica, fomentando a consolidação de uma inteligência católica brasileira. O centro e a revista foram pilares, juntamente com o episcopado, da consolidação de um projeto católico salvífico do Brasil. Projeto que perdurou nas décadas posteriores e que foi bem caracterizado nas palavras do padre Júlio Maria em 1950: “Quaisquer que sejam as dificuldades presentes, nunca, repito, ao clero brasileiro foi dada uma missão mais alta. Nas mãos da igreja, creio profundamente, está o futuro do Brasil”.¹⁷

Embates político-ideológicos entre a Igreja Católica e a maçonaria no Recife, Pernambuco

O movimento de Reação Católica disseminou-se do “Centro Dom Vital”, com sua sede no Rio de Janeiro, para todo o território brasileiro. O grupo do Recife foi um dos mais combativos, pois em terras pernambucanas Dom Leme escrevera sua Carta Pastoral de 1916, inaugurando os tempos de recatolicização do Brasil. Na capital pernambucana foram organizadas ações da Igreja em instituições e espaços de sociabilidade como a “Congregação Mariana”, a “Faculdade de Direito do Recife”, o “Café Continental”, a imprensa local, entre outras.

Além dos inimigos comumente defrontados (jansenismo, protestantismo, comunismo, judaísmo), a Igreja empenhou-se no enfrentamento de um inimigo porventura mais poderoso: a maçonaria. A Irmã Gabaglia lembra que: “Numerosos eram os maçons de *nome*; poderosas, porém, só a maçonaria de Pernambuco e a ‘Italiana’, de S. Paulo”. Ademais, “os *magnatas* da maçonaria se diziam católicos, freqüentavam as igrejas e eram amigos do Clero”,¹⁸ no entanto, a liderança episcopal desprezava esta aproximação e assumiria uma postura intolerante, que culminaria na perseguição católica à maçonaria no Brasil.

¹⁶ SALEM, Tânia. Do Centro D. Vital à Universidade Católica. In: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). *Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982. p. 5. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/rio/tania.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

¹⁷ MARIA, Júlio (padre). *O Catolicismo no Brasil*: memória histórica. Rio de Janeiro: Agir, 1950. p. 256.

¹⁸ GABAGLIA, Laurita Pessoa Raja. *O Cardeal Leme*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 64, grifo da autora.

A partir dos estudos pioneiros de Augusto César A. P. Silva¹⁹ vimos que o embate político-ideológico entre a Igreja e a maçonaria no Recife intensificou-se nas primeiras décadas do século XX. Intelectuais e lideranças católicas acusaram os maçons de constituírem uma sociedade secreta cujos objetivos políticos visavam à desestabilização da ordem constituída e a promoção de movimentos conspiratórios. A Igreja utilizou diversos recursos para a divulgação de suas críticas ao que convencionou chamar de “maquinações maçônicas”.²⁰ Obviamente, estava preocupada com a presença e a influência significativa de maçons nos meios políticos nacionais.²¹

Desta feita, o jornal *A Tribuna*, órgão importante da imprensa pernambucana, ligado à Igreja e porta-voz de seu ideário, publicava matérias que depreciavam a presença de maçons em instituições sociais como o exército e acusavam a maçonaria de influenciar secretamente a política em defesa do liberalismo, da laicização do Estado e do ensino: princípios considerados anticatólicos, anticristãos. A Igreja tratou de reforçar estigmas usualmente atribuídos aos maçons, acusando-os de conspiração política e de ganância desmedida.

Segundo Augusto César Silva,²² os maçons pernambucanos empenharam-se na realização de projetos e debates em torno de sua identidade e pertencimento. Também realizaram a crítica contundente da intolerância católica. As primeiras décadas de 1900 marcariam o esforço de reestruturação da maçonaria, a interiorização e a fundação de núcleos maçônicos em diversas cidades e regiões de Pernambuco, a desburocratização e autonomia das Lojas Maçônicas e a criação de uma “imprensa periódica”: jornais e revistas voltados à divulgação do ideário maçônico, constituindo o “rosto” e a “voz” da maçonaria no âmbito político-social e forjando uma “Cultura Política” própria. Assim, em 1906, um grupo de “obreiros” das “Lojas Segredo” e “Amor da Ordem”, de Recife, fundariam a revista *Archivo Maçônico*, que assumiria a condição de porta-voz da maçonaria pernambucana. A revista recebeu contribuições de maçons eminentes dos meios literários e intelectuais como Manoel Arão, Mário Melo, Pereira da Costa e Alfredo Freyre. Intrigante constatar que já no editorial de abertura da *Archivo Maçônico*, os editores acusaram o jesuitismo de hipocrisia,

¹⁹ SILVA, Augusto César Acioly Paz. *Maçonaria e República: confrontos, conflitos, tensões e atuação sócio-política de maçons em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940*. 2013. Tese (Doutorado)—Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

²⁰ Ibidem, p. 30.

²¹ AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Maçonaria: história e historiografia. *Revista USP*, São Paulo, n. 32, dez.-fev. 1996-1997, p. 179.

²² SILVA, Augusto, op. cit.

vício e corrupção, reafirmando o compromisso da maçonaria com a moral vigente e a “boa” razão.²³

O principal campo de embates políticos entre católicos e maçons pernambucanos foi a educação. Os maçons defendiam um projeto educacional voltado à formação do cidadão e atuaram de forma organizada para a criação de pequenos complexos culturais no Recife e no interior pernambucano. Silva²⁴ destaca que estes núcleos ofereciam oportunidades de acesso à educação primária e bibliotecas populares, com um acervo de livros sobre maçonaria, política, direito, religião, história, biografias, literatura, filosofia, medicina, agricultura, etc. Prevaleciam, no entanto, livros sobre maçonaria e política, concorrendo para a construção de uma imagem social positiva da ordem e de seu vínculo com a educação e a política. Os maçons também atuaram no combate ao ensino religioso católico facultativo, sobretudo, nas escolas públicas, pois defendiam intransigentemente o princípio republicano de laicidade das instituições do Estado e a tradição iluminista, liberal: fundamentos da inserção maçônica na modernidade.

A partir dos estudos e pesquisas de Augusto Silva acessamos um acervo minucioso e rico com informações sobre o embate político entre o movimento de Reação Católica em Pernambuco e a maçonaria local. Assim, as linhas que seguem, acerca deste embate, constituem uma síntese das descobertas do historiador Augusto Silva, apresentadas em sua tese de doutorado *Maçonaria e república: confrontos, conflitos, tensões e atuação sócio-política de maçons em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940*, defendida em 2013.

Desta feita, percebemos que em resposta ao projeto político-religioso implementado pela Igreja Católica, os maçons pernambucanos executaram um conjunto de ações como a fundação de escolas, o patrocínio de instituições de ensino e a criação de espaços de leitura, bibliotecas populares, entre outros. Além de contribuírem para a formação educacional e de disseminarem valores maçônicos, estas ações também promoviam a imagem da maçonaria junto às camadas mais pobres da população. A importância que a maçonaria pernambucana atribuía a educação como condição fundamental de formação da cidadania assumiu um caráter declaradamente anticlerical. Mas os maçons não se preocupavam apenas com a educação primária e a criação de bibliotecas. Também empenharam-se na promoção de debates teóricos acerca da ordenação política brasileira e mundial.

²³ SILVA, Augusto, 2013, p. 29; 31-34.

²⁴ Ibidem.

Alfredo Freyre: aproximações e alianças entre maçonaria, protestantismo e jansenismo em Pernambuco

O professor Alfredo Freyre (1875-1961) foi entusiasta de autores como Horácio, Virgílio, Cícero, Camões, Milton, Spencer, Zola, Castilho, Bernardes, Herculano, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Aluísio de Azevedo, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Oliveira Martins, Frei Luís de Souza, Santo Tirso. Mas Santo Agostinho era sua predileção. Transmitiu aos filhos sua fascinação por obras em filosofia, direito, literatura, poesia, religião, educação, entre outras. Possuía biblioteca particular com livros pessoais e obras que herdou de seu pai Alfredo Alves da Silva Freyre. Livros dos quais se serviram os filhos para seus estudos.

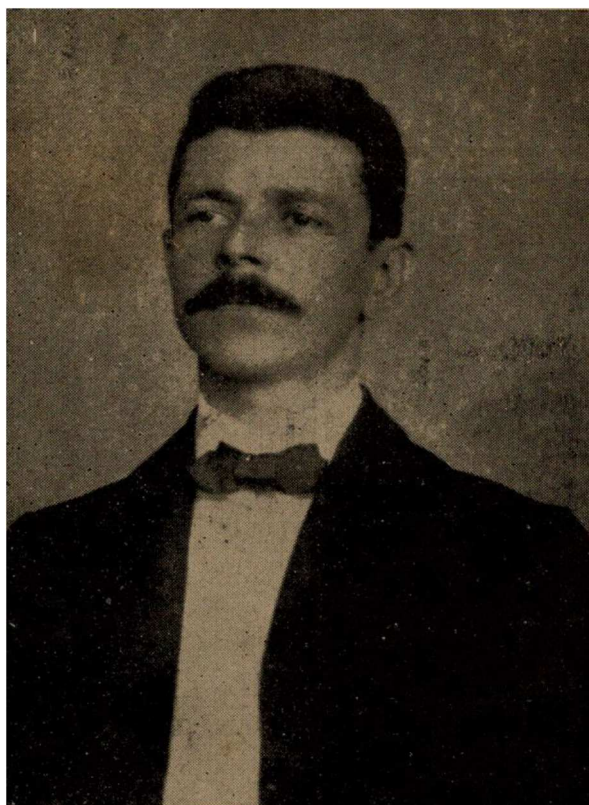


Foto - **Alfredo Freyre** – 1910

Do Livro *Homenagem a Alfredo Freyre*, organizado por Lauro de Oliveira em 1964²⁵

²⁵ FREYRE, Gilberto. Meu pai. In: OLIVEIRA, Lauro de (Org.). *Homenagem a Alfredo Freyre*. Recife: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1964. p. 9-10.

Em sua autobiografia, intitulada *Alfredo Freyre: dos 8 aos 80 e tantos*,²⁶ publicada em 1970 pelo “anotador” de suas memórias, o filho Gilberto Freyre, o professor Alfredo deixa-nos entrever alguns elementos de sua formação intelectual, suas atividades como maçom e educador, seu projeto político-pedagógico, sua condição de filho e de pai.

Alfredo Freyre foi um admirador dos anglo-saxões em áreas como filosofia, literatura e cultura, no entanto, sua maior fascinação intelectual estava voltada ao modelo educacional britânico. Conviveu com professores britânicos e norte-americanos quando foi professor de Português e Latim do “Colégio Americano Batista” do Recife. Participou, juntamente com missionários batistas, do projeto de criação e implementação do “Colégio Americano Batista” na capital pernambucana, quando atuou como advogado, professor e vice-diretor do colégio durante anos.

Foi, por um tempo, membro do Conselho Superior de Ensino, Promotor Público, Delegado de Polícia, Juiz Municipal e Suplente na Judicatura Federal. Orgulhava-se por ter exercido estes cargos, mas sua maior satisfação seria a cadeira de Professor de Direito e de Economia Política na “Faculdade de Direito do Recife”. Pertenceu “quando jovem, e até na idade madura”,²⁷ a maçonaria pernambucana, sociedade na qual participou de atividades pedagógicas, intelectuais e políticas importantes à sua carreira docente, bem como, no desenvolvimento de ideias que culminariam num projeto político-pedagógico para o Brasil.

No dia 06 de março de 1912, Alfredo Freyre, maçom eminente da “Loja Conciliação” no Recife, Chefe do “Departamento Educacional da Associação Cristã de Moços” e Professor do “Colégio Americano Batista”, proferiu a conferência “A Escola Primária”, para um grande público presente no Teatro Santa Isabel. A conferência foi reproduzida nos números de abril-junho da revista *Archivo Maçônico*. O cerne do debate político-ideológico avocado por Alfredo Freyre em resposta ao movimento de Reação Católica no Recife atribuía à educação primária a responsabilidade de formação básica da cidadania e da tolerância religiosa. Em sua ponderação este seria o maior legado da educação laica. O Professor Alfredo reforçou o papel imprescindível da educação primária no projeto político e nas demandas sociais defendidas pela maçonaria pernambucana. O prestígio deste acontecimento pode ser avaliado ao constataremos que a conferência foi presidida pelo Governador de Pernambuco, o General Dantas Barreto.

²⁶ FREYRE, Alfredo. *Alfredo Freyre: dos 8 aos 80 e tantos*. Introdução e anotações de Gilberto Freyre. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p. 191.

²⁷ FREYRE, Alfredo, 1970.

Assim descreveu Gilberto Freyre a renovação pedagógica proposta por seu pai, numa conjuntura marcada por intensos embates políticos e ideológicos entre a maçonaria pernambucana e o incipiente movimento de Reação Católica no Recife. Alfredo Freyre lutara:

Pelo ensino prático e intuitivo. Pela fundação de grupos escolares na capital e na sede dos municípios de Pernambuco. Pelo limite de alunos para cada classe a quarenta, no máximo. Pela construção de edifícios escolares com áreas suficientes para recreio dos alunos. Pelos trabalhos manuais por todos os alunos. Por melhores livros escolares. Por exercícios fora da escola e visitas a fábricas, “guiados os alunos pelos mestres que lhes completarão o ensino pela observação”. Pelo contrato de professores estrangeiros para certas matérias. Pelas reuniões freqüentes do professorado para a troca de idéias, sugestões, discussão “de quanto possa interessar ao ensino”. Pela criação de uma revista de educação. Pela “fundação de uma sociedade tendo por fim o desenvolvimento da escola e tratar das questões relativas ao ensino”. Sugestões, para a época, revolucionárias. Renovadoras. Pioneiras.²⁸

Como vimos, a maçonaria pernambucana travou diversos embates políticos com a Igreja Católica. Seus membros atuaram politicamente em diversos fronts, entre os quais, destacaram-se pelo empenho no campo educacional, organizando e criando projetos voltados à formação do cidadão, à educação primária e fundação de escolas. O professor Alfredo participou diretamente destes projetos; estava engajado no propósito maçônico de enfrentar o conservantismo e o clericalismo da Igreja pela via da educação. Nesta conjuntura, suas ideias acerca da educação primária constituíram um novo modelo de escola para o Brasil, conforme defendeu seu filho Gilberto Freyre.²⁹

A conjuntura, de auge da terceira escolástica no Brasil, esteve atravessada por embates internos do catolicismo. Embates que atuaram – e ainda atuam – nas relações de forças e disputas de campo dentro da Igreja Católica. A pista que nos orienta no sentido de tais indagações seria o fato intrigante de Alfredo Freyre ter participado de grupos e movimentos contrários a Reação Católica em Pernambuco sem que renunciasse ao catolicismo. Manteve-se fiel à religião de seus pais e orgulhava-se de sua estirpe católica. Destarte, identificou-se com o ideário político-teológico-pedagógico dos oratorianos: grupo católico jansenista de derivação inglesa, que se opunha ao clericalismo e ao jesuitismo. Os oratorianos se constituíram no interior do próprio catolicismo e disputaram, principalmente, com os jesuítas, a hegemonia nas ações da Igreja na Europa, em Portugal e no Brasil.

Analisando os indícios identificados durante a pesquisa documental constamos de imediato que Alfredo Freyre era entusiasta da filosofia de Santo Agostinho e admirador de

²⁸ FREYRE, Gilberto, 1964.

²⁹ Ibidem, p. 11.

intelectuais jansenistas como o padre Manuel Bernardes, o jurista-historiador Alexandre Herculano e o crítico Ramalho Ortigão. Posteriormente, descobrimos que também sentia grande apreço pelas ideias de outro importante jansenista, o padre-político Diogo Antônio Feijó, conforme registrou seu jovem filho Gilberto em diário pessoal, no ano de 1917. Outrossim, a assimilação de ideias de pensadores com formação na filosofia professada pelos oratorianos explica, em boa medida, sua identificação com o racionalismo e com o positivismo do Catolicismo Ilustrado. Também justifica sua fascinação pela cultura inglesa e pelo modelo educacional anglo-americano voltado às ciências experimentais, à filosofia moderna, às atividades manuais, à educação física, etc.

O católico-maçom Alfredo Freyre era declaradamente anticlerical e assumiu uma postura radicalmente contrária ao jesuitismo. Dedicou-se a projetos de ação social e cidadania, bem como defendeu um modelo de educação laica, por isso travou embates com o movimento de Reação Católica no Recife. Entre suas características particulares era conhecido por seus alunos e amigos-professores por seu rigorismo moral e austeridade.

Diante do exposto, defendemos a seguinte hipótese: os elementos que destacamos (enquanto indícios, pistas, sinais) denotam a identificação de Alfredo Freyre com o ideário jansenista, isto é, o professor Alfredo assimilou a filosofia dos oratorianos e seu modelo intelectual ilustrado, sobretudo, no campo político-pedagógico, que constituía sua maior fascinação. Isto explica sua decisão de permanecer no catolicismo apesar das alianças que estabeleceu com o protestantismo batista e com a maçonaria pernambucana. Logo, sua participação nos embates internos do catolicismo em Pernambuco, entre forças dialéticas e antagônicas ao poder político dos jesuítas e ao autoritarismo papal, constitui uma ação social movida por sentimentos – ao mesmo tempo – religiosos e políticos: sentimentos que se alimentaram mutuamente e se mancomunaram na subjetividade histórica deste ator social. Para tanto, ocorreu afinidade eletiva entre o católico e o maçom, o católico e o admirador do modelo protestante de ensino, o jansenista e o intelectual, o oratoriano e o professor, a religião e a política: todos dialeticamente atravessados no professor Alfredo.

Considerações finais

O empenho pragmático, político e intelectual em defesa da educação laica e do modelo político-pedagógico dos oratorianos atestam que Alfredo Freyre foi um intelectual orgânico no sentido gramsciano. Este conceito nos reporta à obra clássica de Antonio

Gramsci, intitulada *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura*, publicada no Brasil como *Os intelectuais e a organização da cultura*.³⁰ Nesta obra, o pensador marxista afirma:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político.³¹

Segundo Gramsci, o intelectual orgânico seria aquele que se coloca para além da eloquência: “motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões”. Assim, este modelo de intelectual precisa imiscuir-se da vida prática, tornar-se organizador e construtor de ideias e projetos para o grupo que representa. Não é um simples especialista, ao contrário, almeja tornar-se dirigente de seu grupo ou classe: “um especialista mais político”. Intelectuais orgânicos são “categorias especializadas para o exercício da função intelectual”, por isso a assimilação e a conquista ideológica dos intelectuais tradicionais tornar-se-á uma realidade cada vez mais concreta à medida que os grupos/classes preparam seus próprios intelectuais.³²

Como demonstramos, Alfredo Freyre foi um organizador e construtor de ideias no campo político-pedagógico. Exerceu sua função intelectual assumindo uma posição contrária ao projeto de ensino religioso da Igreja Católica em Pernambuco e em defesa da educação laica. Defendeu o projeto de educação primária alicerçada nas ciências experimentais, na filosofia moderna, nas atividades práticas e físicas segundo o modelo anglo-americano de ensino. Desta forma, aliou o mundo intelectual, da educação e do trabalho com o universo da ciência, das humanidades e da política em torno de um projeto educacional com inspiração no catolicismo ilustrado de matriz jansenico-oratoriana e na maçonaria. Neste sentido, podemos afirmar que Alfredo Freyre idealizou um projeto político salvífico para o Brasil em contraposição ao projeto político salvífico da Igreja Romana.

Referências

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Maçonaria: história e historiografia. *Revista USP*, São Paulo, n. 32, dez.-fev. 1996-1997. [CrossRef](#).

BALDIN, Marco Antonio. Dom Leme e a recristianização do Brasil: ensaio de interpretação. *Revista Brasileira de História das Religiões - Anais do 2º Encontro do GT*

³⁰ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. Série Filosofia, v. 48, p. 3. Coleção Perspectiva do Homem.

³¹ Ibidem.

³² Ibidem, p. 8-9.

Nacional de História das Religiões e Religiosidades - ANPUH, Maringá, v. 1, n. 3, p. 1-9, 2009. Disponível em:
<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/dom_leme_e_a_recrisianizacao_do_brasil.pdf>.
Acesso em: 12 jun. 2016.

FREYRE, Alfredo. *Alfredo Freyre: dos 8 aos 80 e tantos*. Introdução e anotações de Gilberto Freyre. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

FREYRE, Gilberto. Meu pai. In: OLIVEIRA, Lauro de (Org.). *Homenagem a Alfredo Freyre*. Recife: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1964. p. 9-10.

GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência, terror*: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. Série Filosofia, v. 48. Coleção Perspectiva do Homem.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar. O “Renascimento” da Igreja Católica do Brasil: ideários de uma geração (1920-1940). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - 1964-2014: 50 ANOS DO GOLPE MILITAR NO BRASIL, 14., 2014, Campo Mourão, PR. *Anais...* Campo Mourão, PR: ANPUH, 2014. p. 1138-1161. Disponível em:
<<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/253.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

JANSEN, Cornelius. *Augustinus*. Louvain: [s.n.], 1640.

LUNA, Lino do Monte Carmelo. *Memória histórica e biográfica do clero pernambucano*. Recife: Typ. F. C. de Lemos e Silva, 1857.

MANOEL, Ivan A. Origens do tradicionalismo católico: um ensaio de interpretação. *Dialogus*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 14, 2010.

MARIA, Júlio (padre). *O Catolicismo no Brasil*: memória histórica. Rio de Janeiro: Agir, 1950.

MARRAMAO, Giacomo. *Poder e secularização*: as categorias do tempo. São Paulo: UNESP, 1995.

MEDEIROS, Jarbas. Alceu Amoroso Lima. In: _____. *Ideologia autoritária no Brasil, 1930-1945*. Rio de Janeiro: FGV, 1978. p. 219-378.

NAZARETH, Flávia Beatriz F. de. *A passagem para a modernidade no Brasil*: o projeto de secularização em Rui Barbosa. 2015. Tese (Doutorado)—Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

NEDER, Gizlene. *Duas margens*: ideias jurídicas e sentimentos políticos no Brasil e em Portugal na passagem à modernidade. Colaboração de Gisálio Cerqueira Filho. Rio de Janeiro: Revan; FAPERJ, 2011.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. x. Coleção Os Pensadores.

SALEM, Tânia. Do Centro D. Vital à Universidade Católica. In: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). *Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982. p. 97-134. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/rio/tania.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

SANTOS, Cândido. *O Jansenismo em Portugal*. Porto: Edição Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

SILVA, Augusto César Acioly Paz. *Maçonaria e República: confrontos, conflitos, tensões e atuação sócio-política de maçons em Pernambuco nas décadas de 1930 e 1940*. 2013. Tese (Doutorado)—Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SILVA, Wilson Santana. Correntes ideológicas do século XIX e a religião. *Revista Fides Reformata*, v. XVIII, n. 2, p. 75-98, 2013. Disponível em: <http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/edicao_34/artigos/246.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2016.

VIEIRA, Dilermando Ramos. Jansenismo no Brasil. In: FERNÁNDEZ, Fidel González (Coord.). *Diccionario de Historia Cultural de la Iglesia en América Latina*. § 6, 2015. Disponível em: <http://www.enciclopedicohistcultiglesiaal.org/diccionario/index.php/JANSENISMO_NO_BRASIL>. Acesso em: 21 jan. 2016.